INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

MEDIAÇÃO CULTURAL – ARTES E LETRAS

DOCUMENTÁRIO DE ESCRITAS DE SI, MOBILIDADE URBANA E CINEMA DENÚNCIA COMO MEDIAÇÃO CULTURAL

FERNANDA DINIZ E SILVA DE OLIVEIRA

Foz do Iguaçu
2025

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

MEDIAÇÃO CULTURAL – ARTES E LETRAS

DOCUMENTÁRIO DE ESCRITAS DE SI, MOBILIDADE URBANA E CINEMA DENÚNCIA COMO MEDIAÇÃO CULTURAL

FERNANDA DINIZ E SILVA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural – Artes e Letras.

Orientador: Prof. Dra. Carla Daniela Rabelo Rodrigues

Foz do Iguaçu
2025

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

FERNANDA DINIZ E SILVA DE OLIVEIRA

DOCUMENTÁRIO DE ESCRITAS DE SI, MOBILIDADE URBANA E CINEMA DENÚNCIA COMO MEDIAÇÃO CULTURAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural – Artes e Letras.

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientador: Prof. Dra. Carla Daniela Rabelo Rodrigues
UNILA

_____
Prof. Ma. Patricia Marchesoni Quilici
UNESP

_____
Prof. Dr. Fernando Elias Llanos
EMAC/UFG

Foz do Iguaçu, 04 de Agosto de 2025.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

Dedico este trabalho a minha mãezinha, que tanto me recebeu calorosamente nas rodoviárias e terminais de São Paulo, e a todos que já me acenaram do lado de fora, desejando uma boa viagem.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

AGRADECIMENTOS

Não poderia começar sem expressar gratidão a minha professora orientadora por topar de imediato acompanhar meu trabalho, iluminar os caminhos e abrir os horizontes da mediação cultural com sua admirável competência. Agradeço também à banca examinadora pela disponibilidade e por gentilmente participarem deste processo.

Aos amigos que a arte me deu e respiram comigo o ar que motiva nossa existência, e todos aqueles que se tornaram minha família em Foz do Iguaçu.

Agradeço aos meus pais e irmãos, por serem apoio, afeto, acolhimento. Por terem me ensinado sempre que as sementes que plantamos são de raízes profundas, e mesmo a colheita não sendo perene, há flores em todos os nossos caminhos.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

A ficção consiste não em fazer ver o invisível, mas em fazer até que ponto é invisível a invisibilidade do visível.
Michel Foucault

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

RESUMO

Este artigo analisa o documentário como uma linguagem sensível e subjetiva que entrelaça as escritas de si à mobilidade urbana e ao transporte público. Fundamenta-se em autores como Consuelo Lins e Cláudia Mesquita (2008), Jesus Martín-Barbero (1997), Ana Mae Barbosa (2009), e nas abordagens contemporâneas do cinema político documental autobiográfico, conforme discutido na *Revista Devires* (2022). O foco recai sobre o cinema denúncia como dispositivo de mediação cultural que dá visibilidade às experiências cotidianas dos sujeitos urbanos, suas trajetórias e exclusões, sobretudo nos grandes centros metropolitanos. O texto argumenta que, ao articular o testemunho individual com as estruturas coletivas de opressão, o documentário potencializa transformações na sensibilidade social e estética do espectador.

Palavras-chave: escritas de si; cinema documental; mobilidade urbana; mediação cultural; cinema denúncia.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

RESUMEN

Este artículo analiza el documental como un lenguaje sensible y subjetivo que entrelaza las escrituras de sí con la movilidad urbana y el transporte público. Se fundamenta en autores como Consuelo Lins y Cláudia Mesquita (2008), Jesús Martín-Barbero (1997), Ana Mae Barbosa (2009), y en los enfoques contemporáneos del cine político documental autobiográfico, según lo discutido en la Revista Devires (2022). El enfoque recae en el cine de denuncia como un dispositivo de mediación cultural que da visibilidad a las experiencias cotidianas de los sujetos urbanos, sus trayectorias y exclusiones, sobre todo en los grandes centros metropolitanos. El texto argumenta que, al articular el testimonio individual con las estructuras colectivas de opresión, el documental potencia transformaciones en la sensibilidad social y estética del espectador.

Palabras clave: escrituras de sí; cine documental; movilidad urbana; mediación cultural; cine de denuncia.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

ABSTRACT

This article analyzes the documentary as a sensitive and subjective language that intertwines self-writing with urban mobility and public transportation. It is grounded in authors such as Consuelo Lins and Cláudia Mesquita (2008), Jesús Martín-Barbero (1997), Ana Mae Barbosa (2009), and in contemporary approaches to autobiographical political documentary cinema, as discussed in *Revista Devires* (2022). The focus is on *cinema of denunciation* as a device of cultural mediation that gives visibility to the everyday experiences of urban subjects, their trajectories, and their exclusions, especially in large metropolitan centers. The text argues that by articulating individual testimony with collective structures of oppression, the documentary enhances transformations in the viewer's social and aesthetic sensibility.

Key words: self-writing; documentary cinema; urban mobility; cultural mediation; activist cinema.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11
2 DE SI PARA SI: CINEMA DOCUMENTAL..... 12
3 MOBILIDADE URBANA COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E POLÍTICA.....15
4 MEDIAÇÃO CULTURAL E O CINEMA DENÚNCIA..... 20
4.1 Sobre a visão.....22
4.2 Sobre a escuta.....23
4.3 Sobre o sentir.....24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 26
REFERÊNCIAS.....27

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

1 INTRODUÇÃO

A cidade, enquanto espaço simbólico e material, é palco de deslocamentos que atravessam corpos, afetos e desigualdades. No interior das grandes metrópoles brasileiras, o transporte público transforma-se em arena de disputas por visibilidade e existência. Neste cenário, o documentário emerge como uma prática estética e política capaz de mediar experiências de exclusão e de inscrever subjetividades através das chamadas escritas de si. Este artigo discute como o *cinema denúncia* de linguagem subjetiva pode funcionar como um dispositivo de mediação cultural ao dar voz às vivências periféricas e cotidianas dos usuários do transporte público, especialmente por meio de recursos autobiográficos e poéticos. Além disso, o trabalho propõe-se a se desdobrar na realização de um documentário, cuja produção está prevista com o apoio de recursos financeiros provenientes de editais de fomento à cultura, reafirmando o compromisso com a valorização de narrativas plurais e com a democratização dos meios de produção audiovisual.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

2 DE SI PARA SI: CINEMA DOCUMENTAL

No momento em que desembarquei em Foz do Iguaçu, fiz meu cartão do passe de estudante, que na época, em 2019, garantia a ida e volta pela metade do valor cobrado, com integração gratuita se necessário. Qualquer utilização do transporte público fora dessas circunstâncias, o valor era cobrado integralmente. O meu deslocamento na cidade estava vinculado à minha condição de estudante, tal qual minha condição de estudante exigia o deslocamento até a universidade - o problema é que eu não tinha dinheiro. Depois de morar em quatro regiões diferentes da cidade, me mudei há 450 metros da universidade, e como todos que dependem do transporte público, continuei tendo problemas. Em 2023 fui até um jornal da cidade abrir reclamações, fizeram uma matéria.

O meu histórico como usuária do transporte público coletivo desde a minha cidade natal, condiciona a abordagem que escolhi para desenvolver este projeto. Todas as impressões que eu tinha sobre o tema, saiam de mim, das minhas lembranças e experiências, o documentário que me propus a desenvolver se tornou autobiográfico, em uma esfera onde falar de si parte da necessidade em movimentar-se. Roberta Veiga em seu artigo sobre o documentário na primeira pessoa, destaca os aspectos fundamentais que competem a experiência cinematográfica de si:

> No domínio da escrita cinematográfica de si, muito dos documentários autobiográficos se utilizam de uma narrativa tradicional e cronológica na tentativa de criar uma identidade coesa: a ilusão da igualdade entre ser, viver e parecer. Em vários deles, o eu se inscreve de forma inflacionada e ganha uma centralidade egóica. A tentativa é de se conceder à experiência e à memória, que é fragmentada, porosa e afetiva, uma coerência que cola cineasta, personagem, vida, e imagem. (VEIGA, 2016, p.44)

A coerência da síntese citada pela autora, é o desafio proposto em criar através da memória e da vivência, uma narrativa em que a linearidade não se faça necessária, mas ainda assim se torne acessível aos espectadores. Estar no lugar de cineasta e também personagem, implica na transição entre identidade interior e experiência real com expectativa e representação, que não se distancia das idealizações que são expostas mesmo quando há tentativa de suprimi-las. Vejo a memória como orientação figurada em um sentido amplo de que é ela quem sempre cria as histórias que se reproduzem, diante da impossibilidade de ilustrar uma imagem construída pelo próprio pensamento. O documentário autobiográfico explora os limites da produção audiovisual quando rompe

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

com as noções de personagem, ficção e vida real. Ele questiona e amplia a maneira que podemos contar uma história através da imagem de si mesmo, fazendo de nossa própria existência um processo de (re)criação.

Conforme discutido por Lins e Mesquita (2008), o documentário contemporâneo rompe com a tradição do olhar distanciado e objetivo, deslocando-se para uma estética do testemunho, da implicação subjetiva e do afeto. Nesse contexto, as escritas de si — narrativas em primeira pessoa, autobiográficas ou ensaísticas — ganham espaço como formas de inscrição do real. A subjetividade do autor não é mais um obstáculo à verdade documental, mas um vetor de sua complexificação.

Na Revista Devires (2022), os estudos sobre cinema e escritas de si indicam como a experiência individual pode operar como chave de leitura para dimensões políticas mais amplas. Documentários que emergem de dentro, ou seja, a partir da experiência vivida do cineasta ou de seus interlocutores, produzem uma intimidade que interpela o espectador de maneira ética e sensível. Pois então, cabe ao espectador identificar a obra como autobiográfica, ou é parte do cineasta/personagem deixar explícito que se trata de um autorretrato documentado? Quais são os aparatos necessários para o gênero ser enquadrado como tal? O formato ensaístico por vezes se faz presente em obras documentais, quando as intervenções do cineasta se sobrepõem ao fluxo narrativo, seja com a própria imagem, voz ou simbologias próprias da identificação de si (VEIGA, 2016), a presença do autor marca a obra mesmo ela sendo autônoma à isso, quando a participação de quem a consome na sua interpretação, configura sentidos rizomáticos. No momento em que decido falar do transporte público, já não sei se o tema atravessa minha formação ou o contrário, se eu, com minhas inquietudes, configuro o tema partindo de frustrações urbanas e coletivas. Criar algo que seja fidedigno ao tratar de experiências plurais é um exercício de observação ativa, integrada à sensibilidade de captar e entender momentos que se repetem, investigando a causa deles através da comunicação com o entorno e dados que sejam factuais. Se parte do processo do documentário autobiográfico é se fazer entender, o público tem participação na identificação dos fatores. Já Bill Nichols pontua a indiferença do público na tentativa de acertar uma noção de pertencimento por parte do mesmo, quando nem sempre, as pessoas assistem algo porque se identificam com aquilo, mas por sentirem que precisam daquela informação (NICHOLS, 2001).

No começo deste ano, pedi demissão do emprego que me custava o dia, a noite, a cabeça e, na época, o joelho direito (hoje em dia o esquerdo foi de mal a pior).

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

Justifiquei aos responsáveis superiores que precisava finalizar minha graduação e a falta de tempo impedia minha produtividade acadêmica, no que uma das donas do hotel de luxo em que trabalhava, formada em odontologia, se ofereceu a me ajudar na escrita, esta mesmo sobre o transporte público. Ao mesmo tempo em que vi minha força de trabalho ser valorizada de forma contraditória — útil demais para ser poupada, não o bastante para ser cuidada – meu bom senso formado pela qualidade em ser baixa renda achou graça na senhora que nunca precisou pegar um ônibus na vida se sentir apta a escrever sobre o cotidiano que encabeça meu tema de pesquisa. Talvez seja esse tipo de informação que o público diverso no qual o documentário possa atingir, através da autobiografia, sinta instigado a consumi-lo. Analisar essas situações de vida através da mobilidade urbana, labor e estudo, molda intrinsecamente uma narrativa de mim mesma em um formato documental, onde o que vivo diariamente se torna roteiro.

> Para aproximar-se do cinema como uma autobiografia não-autorizada e entendê-lo como uma experiência limiar, propomos uma análise fílmica que passe pelos aspectos fundamentais em jogo numa escrita de si: o efeito de eu, a rememoração e a experiência com e na obra. O efeito de eu se refere ao modo como o cineasta se coloca em cena e se relaciona com o seu mundo familiar e íntimo, tanto em termos da mise-en-scène, quando tomado como personagem, quanto na tensão campo e antecampo quando tomado como diretor, que por sua vez pode questionar a referencialidade documental num gesto ensaístico (VEIGA, 2016, p. 48).

Assim, retratar a mim mesma por meio da linguagem do cinema torna-se um processo pessoal que não busca, necessariamente, uma validação externa. É, antes, um experimento de impressões subjetivas, no qual a representação do eu se constrói a partir da vivência coletiva — dentro e fora da obra. A liminaridade entre documentar e relatar através da imagem uma realidade que parte do próprio imaginário é o questionamento de estar ou não estar em um lugar em que todas as figuras podem ser você.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

3 MOBILIDADE URBANA COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E POLÍTICA

"[...] o transporte urbano está em posição proeminente na lista dos maiores desafios globais. Mais que metade da população mundial hoje vive em cidades." (DE PAULA e BARTELT, 2016, p.4).

A mobilidade urbana é um dos principais marcadores das desigualdades sociais no Brasil. O acesso precário ao transporte coletivo, as longas horas de deslocamento e a superlotação dos ônibus e trens revelam como o corpo do trabalhador urbano é afetado por uma cidade segregada. Nesse sentido, o documentário pode funcionar como uma plataforma de visibilidade, ao registrar trajetórias cotidianas e subjetividades que normalmente não ocupam espaço nos discursos midiáticos hegemônicos. Em obras como *Entremundos* (dir. Fernanda Pessoa) ou *A Ponte* (dir. Domingos de Oliveira), o deslocamento físico é também um deslocamento simbólico: o sujeito narra sua travessia urbana como travessia de si, acionando memórias, traumas e resistências.

A primeira memória que tenho ao subir num ônibus, é a mesma que tenho da rodoviária de Bauru, interior de São Paulo. Minha mãe me levava à cidade grande junto com ela quando ia visitar meu pai, que trabalhava na capital paulista. Lembro de achar o máximo aquele espaço que pra mim ainda não parecia imundo, mas um conglomerado de estações iluminadas movimentadas por pessoas acompanhadas de malas e cobertores, nos grandes blocos de cimento queimado. Nos momentos da estrada em que me mantinha desperta, não entendia se era a paisagem do lado de fora que corria ou se eu, dentro daquela caixa gigantesca sob rodas, ia em direção a meu pai. Com toda inocência de meus cinco anos, custou entender que quem se movia éramos nós, e que se movendo era que minha vida aconteceria.

Aos quinze anos me inscrevi no curso de teatro, em Bauru. Minha mãe foi comigo de ônibus até o centro da cidade para me mostrar a linha que teria que pegar e o ponto em que deveria descer, e então ir caminhando poucas quadras até chegar no Teatro Municipal. A gente se perdeu e eu cheguei atrasada no dia da matrícula. Até hoje me sinto insegura, onde quer que esteja, dentro de transportes públicos. Uma insegurança forjada em cansaço que ainda assim, me permite tirar um cochilo onírico em trajetos que percorrem mais de vinte minutos até a parada. O fato de estar acompanhada por outras pessoas ajuda na localização, você passa a saber onde desce a partir da parada alheia: se alguém que desce sempre com você levanta, tu levantas junto. Pegar

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

ônibus é uma prática social, e essa condição em estar sempre coletivamente na experiência do transporte urbano cria um olhar único que se volta para a cidade. Em poucos lugares, ou seja, nas grandes metrópoles, há faixa exclusiva para circulação de ônibus, algumas delas ainda em construção, como no caso de Campinas-SP, onde a faixa exclusiva está sendo criada faz uns três anos, período em que tenho ido nas visitas à casa de minha mãe. O que seria surpreendente, se as vias das grandes cidades deste continente não fossem projetadas para o transporte individual.

> Um número sem igual de carros congestiona a malha viária das regiões metropolitanas. O significado econômico, social e cultural do carro não pode ser subestimado. Na América Latina, continente de maior desigualdade e ainda grandes contingentes populacionais pobres, para muita gente ter um carro é símbolo de uma vitória individual sobre a pobreza. Ter carro significa ser alguém; ter carro é um dos pilares das nossas “infraestruturas mentais”(Harald Welzer) que foram construídas em cima do consumo enquanto ato de auto-afirmação. (DE PAULA e BARTELT, 2016, p.4)

Ter um carro no Brasil é, muitas vezes, uma resposta emocional e social à precariedade do transporte público. A posse de um automóvel simboliza liberdade, praticidade e segurança. No entanto, essa lógica é falha: à medida que mais pessoas optam por carros particulares, as vias das cidades se tornam impraticáveis. Como dizem os autores do livro “Mobilidade Urbana no Brasil: desafios e alternativas”, a mobilidade urbana também está inscrita nas nossas infraestruturas mentais — ideias naturalizadas de que "vencer na vida" passa por deixar de depender do ônibus, onde várias pessoas partilham do mesmo espaço, e começar a se locomover em seu próprio automóvel. Se pensássemos na lógica invertida, as vias urbanas seriam projetadas para a mobilidade coletiva, para as pessoas se conectarem à pontos distintos da cidade de maneira fluída e facilitada, com conforto, acessibilidade, segurança. Se de fato, houvesse um transporte de massa eficiente, que operasse em função da população como um todo, e não como uma opção para quem não possui seu próprio veículo, a mentalidade coletiva acerca do deslocamento urbano talvez fosse menos individualista e capitalizada.

Qualquer pessoa que ainda tenha dúvidas quanto ao mau funcionamento do transporte público dentro das estratégias de mobilidade urbana no Brasil deixa de tê-las após passar quinze minutos em um terminal em horário de pico. Os efeitos dessa desorganização atingem todos que se deslocam: pedestres, ciclistas, operadores do sistema, usuários e até mesmo os donos de carros e motos — o que configura uma imobilidade urbana generalizada (DE PAULA e BARTELT, 2016). Sintomaticamente, os

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

mais afetados pela má gestão e pelo planejamento falho são justamente aqueles que mais dependem do transporte coletivo para viver a cidade: os que vivem na margem, distante do centro. É no centro onde se concentra o maior fluxo de comércio, lazer e cultura, as instituições de poder, os terminais mais estruturados, onde há maior movimentação e oportunidades de trabalho. E para acessá-los o deslocamento diário se torna inevitável. Essa lógica de organização desigual do espaço urbano se repete, com variações, em quase todas as regiões metropolitanas do país, é nas regiões centrais onde vivem as chamadas “velhas classes médias”, que, mesmo sentindo o peso do custo de vida urbano, ainda gozam de acesso facilitado à cidade. Já as chamadas “novas classes médias” — termo que, muitas vezes, disfarça a permanência da pobreza estrutural, assim como os trabalhadores de baixa renda e os que ocupam as bordas da cidade, nas periferias. São eles que, diariamente, enfrentam longos e cansativos deslocamentos para acessar aquilo que a cidade concentra no centro: o trabalho, os serviços, o direito de existir com dignidade.

> Esta estruturação do espaço, se é retrato da estratificação social, não é de forma alguma dada ou inevitável. Antes, é fruto de uma decisão ou omissão política. Organizar o transporte de acordo com as necessidades da maioria dos seus habitantes nunca foi prioridade dos governos municipais. (DE PAULA e BARTELT, 2016, p.5)

Essas reflexões ganham um recorte ainda mais complexo quando aplicadas em contexto fronteiriço, do bairro distante onde moro, na cidade que me acolhe: Foz do Iguaçu, no oeste do Paraná. Apesar da cidade ser frequentemente reconhecida por sua posição geográfica estratégica e pelo fluxo intenso de turistas que movimentam sua economia, a realidade cotidiana enfrentada por quem vive e circula pela cidade está longe de refletir essa imagem acolhedora do destino do mundo. O transporte público, que deveria ser estruturado para garantir o acesso aos direitos mais básicos, falha justamente com quem mais depende dele: a população local, especialmente os moradores das regiões periféricas. Nesse sentido, a cidade de Foz não escapa à lógica nacional que estrutura o espaço urbano de forma desigual, concentrando as oportunidades e os serviços nos bairros centrais e relegando à maioria da população longos deslocamentos diários. Como mostram De Paula e Bartelt (2016), a mobilidade urbana no Brasil é profundamente marcada por processos de exclusão que organizam quem pode ou não viver plenamente a cidade.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

Foz do Iguaçu conta com uma população com cerca de 295 mil habitantes, sendo um dos destinos turísticos mais visitados do Brasil. Sua área urbana é de 191,46 km², correspondendo a 31% da área total da cidade. Os três principais meios de acesso ao município são: Aeroporto Internacional Foz do Iguaçu/Cataratas, Rodoviária Internacional e Terminal de Transporte Urbano. O último, sendo o mais utilizado pelos moradores para se locomover na cidade. No site da prefeitura, não há informações atualizadas dos dados socioeconômicos relacionados ao transporte público, o último encontrado data do ano de 2011. Em 2009, 144 ônibus circulavam em horário de pico, quando a população alcançava a faixa de 325 mil habitantes, a última relação da prestação de contas da utilização do transporte público é de outubro de 2024, quando 93 veículos circularam em horário de maior pico, atendendo um total de 1.166.278 passageiros. Atualmente, a elaboração do plano de mobilidade urbana de Foz do Iguaçu é responsabilidade do Parque Tecnológico Itaipu (PTI), a versão disponível no site foi criada em 2018. Desde março de 2022, a empresa Viação Santa Clara presta os serviços de transporte público na cidade, com uma frota estimada em 93 ônibus e 39 linhas em circulação.

Os números conseguem mensurar o fluxo de mobilidade urbana na cidade que conta com diversas atrações turísticas espalhadas em seu vasto território, além da alta demanda de estudantes e visitantes que diariamente circulam dentro e fora da fronteira. O serviço de transporte público em Foz do Iguaçu não parece suprir com as demandas de seus passageiros, basicamente divididos entre: trabalhadores, estudantes, turistas e moradores, sendo esses aqueles que não necessariamente saem de casa para exercer um ofício, mas para exercer seu direito como cidadão indo até supermercados, postos de saúde, parques, eventos etc. Afinal, como destacam De Paula e Bartelt (2016), a mobilidade urbana não se resume ao deslocamento, mas deve ser entendida como acesso à cidadania, aos serviços e aos direitos básicos. A mobilidade urbana em Foz do Iguaçu pode ser observada não apenas a partir de dados técnicos ou estatísticas de circulação, mas também através do olhar de quem a vivencia cotidianamente. Quando se considera a rotina de milhares de moradores que, espalhados pelos 37 bairros da cidade — organizados em 12 grandes regiões — atravessam distâncias consideráveis todos os dias para acessar o básico, fica evidente como o planejamento urbano e os serviços de transporte coletivo moldam, limitam e atravessam o tempo e a experiência de viver na cidade. Embora Foz ofereça uma série de atrativos e possibilidades, são poucos os que, de fato, têm acesso pleno a eles.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

Nessa perspectiva, vivo a cidade o quanto ela permite me deslocar, diante da impossibilidade de permanecer estática, em um lugar onde se afunilam culturas, encontros, trajetos constituídos por molduras sociais e natureza contemplativa. Me utilizo, então, das ferramentas visuais e sonoras para registrar e refletir sobre os dilemas da mobilidade, numa tentativa de tornar possível dar forma e voz a uma experiência coletiva: a espera, os deslocamentos longos, a sensação de estar sempre distante do centro das decisões e dos acontecimentos. Ressignificando o tempo gasto em movimento, não como perda, mas como denúncia e matéria de criação. É nesse sentido que o documentário, enquanto linguagem e prática, assume o papel de mediação cultural, abrindo espaço para um diálogo entre a vivência pessoal e o debate público. Ele evidencia como o acesso à cidade, à cultura e ao lazer — garantias básicas — são condicionados por um sistema que deveria servir ao cidadão, mas que muitas vezes contribui para sua exclusão.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

4 MEDIAÇÃO CULTURAL E O CINEMA DENÚNCIA

Segundo Jesús Martín-Barbero (1997), a mediação cultural diz respeito aos processos pelos quais a comunicação reconfigura os sentidos sociais, sobretudo em contextos de crise de representação. O documentário, ao operar como linguagem de mediação, participa dessa negociação entre sujeitos, práticas culturais e estruturas institucionais.

Ana Mae Barbosa (2009) complementa essa perspectiva ao propor que a mediação estética pode ser também pedagógica e transformadora. Nesse campo, o cinema denúncia assume um papel ambivalente: ao mesmo tempo em que denuncia as violências do Estado e do capital, propõe um campo sensível de elaboração coletiva. O fazer cultural exige uma série de compreensões que extrapolam os objetos, vai além do nosso campo de visão, a mediação cultural diz muito sobre o sentir. E nesse sentido, a pergunta regente do que me disponho a responder é: como seria possível expor uma realidade cultural através do fragmento de uma vivência pessoal?

Entender o conceito da mediação cultural em prática é um exercício que demanda deslocamentos. Sendo a própria Cultura um campo cheio de nuances e representações, mediar algo que por si só já é complexo parece distante dentro de um sistema que opera em conformidade com uma hegemonia no conceito da cultura (Barbero, 1997 p.33). Pois então nos deslocamos, pulamos de um banco para outro para que as percepções sejam alteradas e os sentidos ressignificados. Uma figura que exemplifica isso brilhantemente é o meme viral conhecido como “meme do ônibus”, criado pelo artista visual Genildo Ronchi, o qual ilustra duas pessoas sentadas em lugares opostos dentro do mesmo ônibus, visualizando paisagens diferentes enquanto suas expressões também divergem, causadas pelo que visualizam na estrada: o muro com pedras deixa o passageiro infeliz, a paisagem com montanhas e um belo pôr do sol deixa o outro rapaz feliz. Nesse caso, a mediação funcionaria como uma terceira pessoa: alguém capaz de observar a situação com distanciamento, percebendo a totalidade do cenário e os sinais sensoriais que influenciam cada perspectiva. A obra, que vem a mostrar “o lado bom da vida”, foi compartilhada e recriada em diferentes atmosferas virtuais, desde postagens motivacionais à ironia da simplicidade em se fazer feliz. Algumas das interpretações se apegam ao poder de escolha em alcançar a felicidade, ignorando o fato de que a ausência dela em muitos casos é condicionada. A

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

compreensão da realidade que nos é dada através de imagens e sons implica em uma série de micro-percepções.

O levantamento e entendimento de conceitos é essencial para a prática da mediação e formação de uma comunicação efetiva, moldando essa realidade a partir dos símbolos e comportamentos sociais. No livro “Arte/educação como mediação cultural e social”, Ana Mae traz alguns exemplos de como a mediação cultural e a arte/educação podem contribuir para o desenvolvimento crítico e social dos estudantes que vão nas visitas guiadas aos museus. Nesse contexto, práticas de mediação e oficinas foram projetadas para se adequar à exposições específicas, com o objetivo de ir além dos métodos tradicionais de apresentação de obras, contato com o público e concepções acerca do fazer artístico. Durante a criação e implementação dessa nova proposta de oficina dentro dos museus, os realizadores relatam que foi necessário um distanciamento do processo para então visualizar suas nuances, identificar os pontos que pudessem ser aprimorados para então ter um diagnóstico preciso sobre o impacto das atividades no público em sua diversidade. Esse tipo de ação de distanciamento se faz necessária na elaboração de projetos, em especial no campo da mediação cultural. É o deslocamento que vai permitir o entendimento de novos cenários, possíveis redução de danos, pontos fortes e fracos do que se pretende desenvolver e os efeitos que esse processo, quando posto em prática, pode provocar em quem o consome.

Mesmo com as necessárias mudanças e readaptações nas abordagens e contato com o público dos aparelhos culturais, entender as referências que servem de base para suas percepções sobre as linguagens artísticas e como flui essa comunicação é importante no processo de transformação, ou então, ressignificação do exercício contemplativo no contato com as artes em suas diferentes formas. Essas referências pré instauradas no imaginário coletivo normalmente, são aquelas que consumimos no ensino primário ou secundário, que são difundidas pelos meios de comunicação de massa e se instalam de maneira frequentemente irredutível nas percepções sobre o que pode ser ou não ser arte. Isso serve como ponto de partida para reflexões que tange o próprio cotidiano e as expressões que surgem das possibilidades de criação. As desconstruções que a arte – em sua contemporaneidade – nos permite fazer, adentra outras configurações de linguagem e comunicação, como no caso que trago aqui, do cinema denúncia. É de se pensar as questões implícitas entre a linguagem poética e o cinema como transmissor em uma obra audiovisual, quando o que está sendo dito e mostrado,

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

nem sempre se apresenta de forma literal e concreta, mas como proposta de reflexão. O trabalho de mediação realizado em aparelhos culturais, sejam eles segmentados ou não, contribui para que esse tipo de identificação e sensibilidade crítica não esteja tão distante de seu público.

Ao pensarmos que o exercício da mediação cultural é reflexo das relações que constituem a sociedade atravessada pela comunicação, entendemos a cultura como eixo fundamental para seu pleno desenvolvimento, onde ao mesmo tempo em que a diversidade foi enraizada politicamente como detentora de atritos, a consciência produz e reproduz a avença. Embora haja também os casos em que a perversidade se confunda ou se vista com trajes de inconsciência -, para esses nos munimos de sensibilidade e cognição - defendo o sentir por meio da linguagem cinematográfica documental, porque acredito ser a única maneira de mediar algo efetivamente quando falamos sobre mudanças generalizadas, sobre entender a complexidade de uma cultura miscigenada e a construção da memória, criando novos espaços e possibilidades de compreensão, como observa Ana Mae Barbosa ao tratar sobre o impacto mental que a ida a museus gera em seus visitantes:

> Os indivíduos chegam ao museu com uma série de interesses e motivações prévias, baseadas em sua vivência, seus conhecimentos, sua posição social, econômica e cultural, que irão necessariamente condicionar sua experiência no museu e, naturalmente, as suas aprendizagens. Inserido num continuum temporal que transcende em muito o momento da visita em si, esse momento de contato e construção faz sentido para os indivíduos numa lógica vivencial e experiencial muito mais do que puramente cognitiva. (BARBOSA, 2009, p.126)

A lapidação da memória coletiva é um elemento crucial para o desenvolvimento de novos sistemas que vedam qualquer tipo de reprodução comportamental padronizada onde a posição social do indivíduo condiciona o acesso à recursos básicos de formação, ao mesmo tempo em que as vivências pessoais e sociais de cada um produz níveis distintos de consciência. A arte como aparato da comunicação cumpre bem a função de romper paradigmas explorando as capacidades sensoriais de quem a produz ou consome. É um dos caminhos viáveis para lidar com essas descontinuidades culturais, com as respostas latentes de perguntas permanentes. No campo da mediação cultural, o ligamento com as artes funciona como esse potencializador analítico, que nos permite fluir em contra-corrente, deslocarmos para pontos distintos de observação onde o literal possa ser ressignificado. Se vivemos em um sistema regido por regras, leis e convenções, se faz

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

necessário uma cultura participativa nas decisões em prol do bem comum, o que seria garantido com a democracia em seu pleno funcionamento. Lamentavelmente, por vezes, as partes subalternas são ouvidas no grito e representadas por poucos, em um cenário onde os estigmas se sustentam com o compartilhamento massivo de desinformação, o que novamente dá início a um ciclo de conflitos e desamparo social. Os registros históricos servem como base orientadora sobre o passado, e em suas diferentes linguagens, realizar uma interpretação congruente requer tempo, pesquisa e discernimento para concluir o que deve ou não ser passado adiante. O grande livro da Bíblia Sagrada é um exemplo dessas interpretações que reverberam durante gerações e que podem causar dissonância universal quando discursadas com palavras embebedadas em demagogia. É esse tipo de relação que disponho da linguagem e comunicação para abordar a mediação cultural no vislumbre de um bem-estar comum. São esses registros históricos que moldam a memória e acabam por conduzir o presente. Mas quando tratamos de uma linguagem ainda menos literal - sendo as palavras alinhadas também um grande mosaico abstrato - como expressões visuais, a leitura exige lunetas dimensionadas ao invisível.

4.1 Sobre a visão

Para além do que nossos olhos possam ver, o entender diz sobre o sentir. Me atento às inúmeras possibilidades de enxergar mesmo sem ver, de ouvir sem escutar, mas trago apenas um fragmento da magnitude do que possa ser compreender a partir do que se vê, talvez a mais limitada delas. A avaliação constante nos quatro (ou cinco) anos de graduação no curso de Mediação Cultural - artes e letras, é responder para todas as pessoas que recebem pela primeira vez a informação sobre a existência do curso, o que vem a ser a tal mediación culturelle. Para facilitar o meu próprio entendimento, criei uma epopeia visual onde duas pessoas desconhecidas que não possuem o mesmo idioma, sentadas no alto de uma montanha quando o mundo ainda era mato, veem uma bola de fogo atravessar o céu azul. Ambas passam pela mesma experiência, sentem e absorvem algo gigante acontecer, mas não comentam sobre, não existe uma comunicação verbal efetiva, entretanto sabem o que viram e que foi compartilhado. Para esse acontecimento factível ser levado adiante como informação, ambas teriam que desenvolver um sistema de comunicação, seja ele verbal ou não. A mediação cultural habita esse entre como uma facilitadora de convergências, um mecanismo que opera em conjunto com a natureza e sociedade, a busca pela compreensão do que está sendo exposto através de ferramentas

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

de percepção advindas do sentir. Se meus olhos capturam uma imagem, cada objeto constituinte dessa imagem terá um significado partindo dos mecanismos da memória e de como o mundo se apresenta. Jesús Martin-Barbero (1997, p. 16) desenvolve em sua obra um processo de re-conhecimento, de re-ver o que pra nós já possui definição no “espaço de um conflito profundo e uma dinâmica cultural incontornável”.

Parte do que sabemos da nossa história como sociedade aparece em forma de imagens que se complementam e formam sentido. Na ausência de imagens, o imaginário as cria baseado em estímulos externos que variam entre as possibilidades da comunicação, também é possível ter noção de acontecimentos sem tê-los vivenciado. Mas a manipulação de informações também diz sobre a distorção de ilustrações e, respectivamente, da realidade. O trabalho de pesquisa/ciência que envolve a veracidade dos fatos históricos dos séculos passados que nos levam a chegar onde estamos, seria facilitado com a captura de imagens cruas que revelassem o que de fato aconteceu, embora muito do que conduziu as relações até então, não seja visível a olho nu. Me pergunto como as pessoas que só acreditam vendo, lidam com os casos que se alastram no escuro. A lucidez necessária para separar o que nos é pintado cotidianamente do esboço que é formado com as cinzas do tempo, é parte constituinte para o entendimento das diversas camadas da cultura que transita, que é compartilhada entre a imensa rede da comunicação e se manifesta em variadas formas de reflexões históricas e de resistência.

4.2 Sobre a escuta

Seguindo a mesma proposta ilustrativa, os ruídos que acompanham uma imagem - não necessariamente estática, mas algo que se vê ou se imagina - estimulam a construção dos sentidos. Quando ouvimos o assobio que o vento faz do lado de fora, podemos imaginar sua intensidade e seus efeitos: as árvores que chacoalham, a roupa que dança no varal, a poeira que sobe, o enigma do céu. Toda uma atmosfera pode ser criada através da escuta, e o sentimento que perdura é resultado da própria realidade objetiva estimulada pela observação. A decodificação das vibrações naturais acaba se tornando instintiva na maioria dos casos, se ouvimos um forte trovão sabemos que há possibilidade de chuva. Essa cadeia de percepções fundamenta o que posteriormente é exercitado e reinventado em sociedade. Em muitos casos no que diz respeito a comunicação, o que entendemos pode não ser o que de fato ouvimos, e muito se constrói

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

partindo da falta de compreensão. Jesús Martín-Barbero questiona a manipulação da informação através dos discursos, com foco nesses que são dissipados através dos meios de comunicação, como o rádio, por exemplo.

> Durante um certo tempo o trabalho consistiu em indagar como nos manipula esse discurso que através dos meios massivos nos faz suportar a impostura, como a ideologia penetra as mensagens impondo-se a partir daí a lógica da dominação à comunicação. (BARBERO, 1997, pg. 15)

Se há uma ideologia imposta massivamente no processo de absorção de ideias, parte do que entendemos como cultura foi forjada para que escutemos só o que não nos permitisse sentir.

4.3 Sobre o sentir

A escolha na utilização do audiovisual como ferramenta da mediação cultural é, para mim, a mais pragmática e também mais complexa das linguagens artísticas a ser explorada nesse campo. Justamente por criar imagens acompanhadas de som (ou sons acompanhados de imagens) que podem ou não ter uma boa interpretação, onde posso ou não ter êxito em transmitir a mensagem que acho pertinente para ser compartilhada. É próprio de obras abstratas terem significados fluídos, com estímulos sensoriais diversos e âmbito maior de reflexão. Mas ao retratar a realidade em seu sentido literal, é essencial que a ordem dos fatores seja posta de maneira que a construção dos sentidos reflita uma identificação/aproximação do público. Imaginar uma pessoa correndo atrás de um ônibus perdido é fácil para quem já passou pelo mesmo, o sentimento é unânime. Requer muita lucidez para retratar a mesma imagem através de aparatos do audiovisual, fazendo com que o sentimento seja transmitido a quem nunca precisou passar pelo mesmo. Em “Arte/educação como mediação cultural e social”, as autoras analisam o processo de visita guiada aos museus, e argumentam:

> De certa forma interessa-nos, sobretudo, poder suscitar a inquietação como motor para a descoberta e a vontade de saber mais (motivação), trabalhando num universo simultaneamente familiar e desconhecido para o visitante que lhe possibilite estabelecer pontes e relações utilizando os conhecimentos prévios como ponto de partida, mas com o intuito de chegar mais longe, fazendo que a novidade (e seu grau de desconhecido) seja suficientemente desafiante para que

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

> as estruturas prévias de conhecimento possam ser transformadas. (BARBOSA, 2009, p. 135)

A prática do sentir contribui para que a mediação sobre a cultura seja algo tangível quando não limitamos os fazeres culturais à produção e exposição de objetos simbólicos ou expressão orgânica de um povo, mas também, à uma construção social condicionada e mutável, amparada à difusão de informações que podem ser acessadas em diferentes lugares e meios de comunicação. Nesse sentido, a cultura aqui é tratada como algo que se dissipa através da linguagem e artefatos que são identificados e caracterizados por semelhanças e discrepâncias, em um processo de catalogação histórica. Os estudos culturais demandam uma sensibilidade para tratar suas questões menos superficiais e entender a maneira como parte dos conflitos sociais podem ser solucionados partindo do viés cultural.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema documental que se aproxima das escritas de si e se debruça sobre a mobilidade urbana como problema social e estético inscreve-se numa tradição crítica de mediação cultural. Ao articular o individual e o coletivo, o subjetivo e o estrutural, esse cinema constrói um espaço de escuta e visibilidade para as subjetividades urbanas frequentemente silenciadas. Assim, o documentário torna-se não apenas uma forma de denúncia, mas uma experiência sensível de alteridade. Repensar abordagens e novos métodos para tratar as políticas públicas e a produção de cultura é fundamental para projetarmos uma sociedade com mais igualdade, não deixando desvalorizar sua diversidade.

Afinal, se os aparatos artísticos são potenciadores de sensibilidade e cognição, a idealização de espaços e trânsitos onde a individualidade complementa o coletivo, de maneira que todos possam viver de maneira digna, é fundamental. O cinema documental, nesse contexto, emerge como uma ferramenta potente de mediação: uma forma de transformação que nasce da vivência, da reflexão crítica e dos desdobramentos da realidade cotidiana.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09

REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Unesp, 2008.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. *Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

REVISTA DEVIRES. *Dossiê Cinema e Escritas de Si*. Devires, v.14, n.2, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/devires/issue/view/1652. Acesso em: 04 ago. 2025.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Trad. Alessandra Vitorasso. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2016.

VEIGA, Roberta. *Autobiografia não autorizada: reflexões sobre a performance do eu em narrativas documentais*. Galáxia (São Paulo), n. 26, p. 149–157, dez. 2013. DOI: https://doi.org/10.1590/S1982-25532013000200013

PAULA, Marilene de; BARTELT, Dawid Danilo (org.). *Mobilidade Urbana no Brasil: desafios e alternativas*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2016.

Versão Final Homologada
05/09/2025 16:09